



Ivan de Souza Dutra¹

ivan.sdutra@uol.com.br

Antônio Pedroso²

pedrosobb@gmail.com

Mauro Guilherme Maidana Capelari³

capelari57@hotmail.com

A ABORDAGEM DA ECOLOGIA ORGANIZACIONAL E O POSITIVISMO LÓGICO: É POSSÍVEL UM DIÁLOGO?

A Abordagem da Ecologia Organizacional surgiu com ênfase nos estudos organizacionais a partir da década de 1970, na proposta de visão do conjunto de organizações e suas interações com o ambiente, e não somente da organização isoladamente. Para o seu entendimento, valeram-se de algumas perspectivas suportadas pelo paradigma funcionalista, que possui amplo escopo conceitual nos estudos organizacionais, e que leva a algumas perspectivas paradigmáticas, a destacar-se a hegemonia do Positivismo Lógico. Para a teoria organizacional discute-se: por que estudar a Ecologia Populacional? Segundo Caldas e Cunha (2007) o estudo dessa abordagem é relevante, porque vem questionar posições centrais das teorias mais difundidas no Brasil, especialmente o contingencialismo, em seu pressuposto clássico de que a organização por si pode e deve se adaptar às mudanças ambientais, e na ênfase pelo foco no âmbito organizacional. Também questiona aspectos do neoinstitucionalismo da ampliação da visão sobre os objetos e sobre as análises. Quais implicações essa abordagem pode trazer com novas análises da mudança organizacional? Que benefícios a sua orientação longitudinal permite para a análise organizacional? Na perspectiva paradigmática, observa-se a tentativa de entendê-la a partir das premissas do Positivismo Lógico, devido à sua aceitação e hegemonia dele nos estudos organizacionais brasileiros. Então questiona-se: essa perspectiva estaria adequada para a compreensão dessa abordagem? As bases que a Ciência Positivista Lógica propõe servem para entender um objeto (ou objetos) com tal escopo ampliado que essa abordagem propõe? Contribui para a evolução dos estudos organizacionais? Diante disso, existe diálogo entre a Ecologia Populacional e o Positivismo Lógico como perspectiva de entendimento para estudos? Nesse contexto, o objetivo deste ensaio teórico foi realizar uma reflexão sobre a adequação do uso da abordagem da Ecologia Organizacional pela perspectiva Positivista Lógica, e apontar questões adjacentes. Para isto utilizou-se de metodologia exploratória, com dados originados de fontes secundárias, particularmente com buscas em publicações internacionais e nacionais caracterizando o trabalho como ensaio teórico. No início do século XX o Positivismo Lógico é retomado enquanto discussão filosófica, a partir de postulados do empirismo e da lógica moderna. Especialmente na década de 1920, em Viena, um grupo de filósofos e cientistas se organizava informalmente, intitulado Círculo de Viena, e ganhou notoriedade a partir da

¹ Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

divulgação em 1929 do manifesto “A Concepção Científica do Mundo”, que enfatizou um pensamento racional pela eliminação da metafísica. A “ciência unificada” foi constituída por meio do reducionismo lógico, em que as únicas formas sentenciais reconhecidas cientificamente são as empíricas, passíveis de verificação por observação, e as lógicas matemáticas, em que a verdade é reconhecida a priori (HANFLING, 1996). E por meio de um de seus princípios, o da “verificação”, os positivistas lógicos atestam o que é ciência ou o que é metafísica a partir de objetos em análise (HANFLING, 1996; SCHILICK, 1934). Os positivistas lógicos renovaram a característica distintiva da funcionalidade, com o acoplamento estabelecendo uma associação determinística entre esses dois elementos, a metodologia e as experiências. Por outro lado, nas Ciências Sociais do século XX, observou-se a ampliação do conceito do funcionalismo com a proeminência do teórico Émile Durkheim. A diferença parece estar na amplitude do conceito de função, que é tratado pelos positivistas lógicos de maneira reducionista. A abordagem da Ecologia Organizacional foi explorada por Hannan e Freeman (1977), mas primeiramente apresentada em diferentes escopos no Brasil por Zaccarelli (1971, 1977), Fischman (1972), e depois por Zaccarelli *et al.* (1980) e Cunha (1999), que trouxeram com ela a análise transorganizacional, a concepção da mudança como fenômeno longitudinal, e a premissa: não é a organização que se adapta aos seus ambientes, mas as populações organizacionais escolhem a organização que têm ou não tal adaptação. Apesar das suas contribuições, abordagem está subexplorada no Brasil, qual seja, a investigação das relações interorganizacionais, e o impacto de tais relações em organizações individuais (CALDAS; CUNHA, 2007), o que remete a questionar: quais os motivos dessa subexploração? Talvez uma característica sistêmica da natureza dessa abordagem possa explicar essa questão. Porém, isso remete à outra: a teoria dos sistemas está bem interpretada e-ou justificada nos estudos organizacionais? Parece haver uma distorção em boa parte da aplicação da teoria sistêmica dentro dos estudos organizacionais, com o viés da lógica mecanicista quando se busca particionar o sistema em subsistemas ou subfunções. Nessa tentativa de dissecar o sistema, dividindo seus componentes para estudá-los particularmente, perde-se a compreensão de suas interações e deixa de explicar fenômenos que não são observáveis somente pelo entendimento das partes. Nas populações de organizações também têm essa natureza, porque são sistemas sociais complexos, não sendo fácil delimitar ou bem definir as suas fronteiras contextuais, nem listar todas as interações e explicar as suas qualidades abstratas. Sobre isso, Zaccarelli *et al.* (2008) qualificam os sistemas sociais, enfatizando a característica da complexidade, e diferenciando-os dos sistemas fechados. Alguns pontos interessantes podem ser levantados a partir desses autores: qual é a lógica que se deve utilizar para as suas relações de causalidade das populações organizacionais como um sistema aberto? Essa compreensão vem apontar para algo relevante e já destacado anteriormente: há o diálogo da abordagem com o positivismo lógico? Numa primeira vista indica que não há, porque dificulta, ou ainda, impossibilita a aplicação do princípio da verificabilidade com os fenômenos resultantes do sistema ecológico organizacional, já que não é possível listar, qualificar e mensurar todas as suas variáveis. Outra questão se refere à orientação longitudinal: seria esse outro ponto de conflito com o Positivismo Lógico, já que este acredita que a verdade é estática e não sujeita às mudanças históricas? Para a conclusão, verifica-se que as discussões não se esgotam, mas o diálogo entre a abordagem da Ecologia Organizacional e o Positivismo Lógico parece distante. Ao estudioso parece que deva considerar essa abordagem como Sistemas Sociais Complexos e se distanciar da perspectiva mecanicista lógica. Por fim, deixa-se outra questão: poder-se-ia dizer que a pouca difusão da abordagem no Brasil também se deve a esse diálogo infrutífero?

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo Lógico; Funcionalismo; Ecologia Organizacional.

REFERÊNCIAS

CALDAS, M.; CUNHA, M. P. Ecologia e Economistas Organizacionais: o Paradigma Funcionalista em Expansão no Final do Século XX. In: CALDAS, M.; BERTERO, C. O. (Org.). **Teoria das Organizações**: Série RAE- Clássicos. São Paulo: Atlas, 2007.

CUNHA, M. P. Ecologia Organizacional: Implicações Para a Gestão e Algumas Pistas Para a Superação de seu Caráter Anti-Management. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 39, n. 4, 1999.

FISCHMAN, A. A. **Algumas Aplicações de Ecologia de Empresas**. 1972. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, 1972.

HANFLING, O. Logical Positivism. In: SHANKER, S. G. **Philosophy of Science, Logic and Mathematics in the Twentieth Century**. London and New York: Routledge, 1996.

HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. The population ecology of organizations. **American Journal of Sociology**, New York, v. 82, n. 5, p. 924-967, 1977.

SCHILICK, M. Meaning and Verification. **The Philosophical Review**, Duke University Press, v. 14, 1936.

ZACCARELLI, S. B. Ecologia de Empresas. **Caderno de Administração da USP**, São Paulo, v. 4, n. 2, 1971.

_____. Ecologia de Empresas. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 12, n. 1, 1977.

ZACCARELLI, S. B. et al. **Ecologia de Empresas**. São Paulo: Atlas, 1980.

ZACCARELLI, S. B. et al. **Clusters e Redes de Negócios**: Uma Nova Visão Para a Gestão de Negócios. São Paulo: Atlas, 2008.